

Adesão de bancos é tida como essencial

São Paulo — A adesão dos bancos internacionais à renegociação da dívida brasileira é o primeiro passo para a conclusão e implantação do acordo, prevista pelo presidente do Banco de Tóquio, Takanori Susuki, para os próximos quatro a seis meses. “Considerando a turbulência, é muito positivo. Daqui para diante, haverá o acerto técnico”, previu Susuki. Segundo o vice-presidente do Bradesco, Antônio Bornia, “a adesão é um fato fundamental, parte da caminhada para a normalização das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional”.

A assinatura do acordo depende de o Brasil mobilizar cerca de US\$ 4,5 bilhões com os quais adquirirá títulos do governo norte-americano, que serão a garantia do pagamento futuro dos bônus que substituirão os títulos da dívida. “Se o Brasil se dispusesse a sacar esses US\$ 4,5 bilhões de suas reservas cambiais, recuperaria esse valor após um ano só com a entrada de capitais”, estima o representante no País do Chartered WestLB, Igor Cornelsen. Ele acredita que US\$ 2 bilhões adicionais viriam para as Bolsas e mais US\$ 500 a US\$ 600 milhões de capital de risco.

Como o Brasil quer créditos do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial para concluir a renegociação com os bancos privados, terá que esperar o acordo com o FMI, o que, por sua vez, depende da preparação de um plano econômico pelo governo Itamar. “Na pior das hipóteses, sem o entendimento com o FMI o acordo com os bancos poderá ser assinado só no ano que vem, embora conste a obrigação de estar concluído até novembro”, teme Cornelsen.



Opção por bônus ao par, que não embute desconto, desagrada Eliseu